

Será a união de duas autarquias de tal modo que cada uma seja ela mesma e a outra, de maneira que uma se perca nos devaneios da outra ou se ancore nas suas determinações.

Mal se inicia um novo ciclo de experiências, a consciência presente a natureza contraditória do olhar: na medida mesma em que ele é ânsia de preenchimento de seu vazio, ele desnatura o objeto de sua busca, metamorfoseando a espontaneidade do *para-si* em enriquecimento do *em-si*, transformando a liberdade em necessidade.

É a síndrome da objetivação! É a transformação do outro em coisa! A loquaz liberdade do outro a distância, mumifica-se, emudecida sob as garras do olhar. O tabuleiro das relações humanas ganha novos complicadores. Quero o outro livre, mas quando o toco convert-o em escravo. É o prego objetivante do olhar! Procuo espírito, quando acho, é corpo que encontro. Novas lições vão se desprendendo desta experiência diaspórica: primeiro, que duas liberdades são inasimiláveis. Não há totalidade que as subsuma; segundo, uma espécie de ser híbrido se instala em mim diante do olhar do outro: sou a um só tempo espontaneidade e constrangimento sem que eu possa me definir satisfatoriamente por um ou por outro lado; terceiro, a vergonha e o orgulho assumem o comando ontológico de minha presença sem que eu vislumbre uma síntese.

Deste caldo, constituído pela trama dos olhares, vão se constituir as relações humanas, segundo a visão macabra de J.-P. Sartre. O amor, o desejo, o ódio, a sedução, o sadismo, o masoquismo, a indiferença serão as categorias da linguagem, na estruturação deste discurso que é a existência humana.

CONCLUSÃO

O olhar é apreendido como a experiência paradigmática a partir da qual estabelecem todas as relações humanas. A ele se assimila a experiência da interrogação, do cuidado, onde o homem se experimenta como angústia. Esta por sua vez é superável pela alienação, pela diáspora, pelo envolvimento com as coisas. A alienação aparece como uma tábua de salvação e termina por afogar a consciência no esquecimento de si mesma. A afetividade humana se constrói sob este fundo de conflito, onde nenhuma vitória é permanente.

Fenomenologia: tendências históricas e atuais

Cruzna Capalbo*

1. A fenomenologia a partir de Edmund Husserl

É com satisfação que estou aqui, hoje, com vocês, neste Encontro das Escolas de Serviço Social, porque, de longa data, temos tido oportunidade de ter contato com o Serviço Social numa tentativa de discutir questões de teorização do Serviço Social.

Nessa linha de abordagem da fenomenologia em Serviço Social, não vou trazer para vocês nenhum exemplo concreto de aplicação da fenomenologia, do ponto de vista do seu método, no Serviço Social, porque não sou assistente social.

Esse trabalho vem sendo realizado por pessoas — muitas delas aqui presentes — que vêm desenvolvendo suas pesquisas, suas dissertações de mestrado, suas teses, dentro deste entoque de aplicação do método fenomenológico em Serviço Social.

Gostaria de iniciar, porém com uma colocação mais geral da fenomenologia, lendo para vocês uma introdução de um artigo que publiquei na revista *Debates Sociais*, intitulada "Fenomenologia em Serviço Social". Vou ler e, depois, desenvolver o texto que trouxe para dar início a nossa reflexão.

Paradigmas teóricos do positivismo, vigentes em nosso século, estão sendo questionados e interpelados, pois vêm demonstrando sin-

* Professora de Filosofia da UFRJ e UERJ.



tomas de limitação e esgotamento em sua capacidade explicativa, em face das situações vividas, das transformações sociais e das necessidades crescentes de produzir ações sociais de transformação, envolvendo a participação atuante do sujeito dessa transformação.

Tudo isso se expressa na desarticulação entre teoria e prática, e na busca de alternativas metodológicas para a pesquisa e a ação que articulam teoria e prática.

É nesse contexto de busca de alternativas que se insere a fenomenologia, como ciência do vivido, ou fenomenologia existencial.

Essa teoria social de modelo positivista surgiu da generalização do modelo das Ciências Naturais ou do método experimental, o qual procura submeter, metodicamente, as idéias à experiência de fatos.

Assim, todo o Serviço Social, na busca de se constituir uma teoria da ação social, buscou, na sua história, certas informações e modelos teóricos em outras ciências de inspiração experimental e positivista.

Justamente é este modelo que questionamos, a partir da fenomenologia, dado que a questão — como aqui foi brilhantemente colocada pelo Sebastião Trogo — da alteridade, do outro, na sua subjetividade, nessa perspectiva da ciência positiva, foi trabalhada como um dado de fato, como um objeto, portanto, perdendo a sua substância própria de subjetividade.

Todas essas teorias, que recolocam a subjetividade como objeto de investigação, como um dado que aí está para ser analisado, quantificado, medido, observado, com tratamento dado a ele de modo estatístico, fazem perder a própria substância do que é a sua idéia de subjetividade.

E aí deveríamos, inicialmente, dizer: mas de que subjetividade estamos falando? Seria a subjetividade entendida no sentido de indivíduo, apenas como individualidade?

Não caberia a pergunta sobre o que é ou o que deve ser compreendido por subjetividade social?

Seria essa subjetividade social, esse sujeito social, um sujeito qualquer, um sujeito anônimo, um sujeito que se aproximaria da idéia, que vocês conhecem tão bem, de ator social do funcionalismo, onde o que importa é analisar o seu desempenho, medir sua produtividade, é saber de que maneira esses sujeitos poderiam ser investigados em termos de desempenho?

Ou será que essa noção de subjetividade ainda seria, como alguns querem, o último resquício do pensamento burguês e do liberalismo individualista?

Será que recolocar a questão da subjetividade não seria novamente cair nesse individualismo?

Ora, nessa colocação da subjetividade, não apenas na perspectiva individualista do liberalismo clássico, mas de uma subjetividade social que recoloca o homem como centro do processo, ela vem sendo justamente a busca que se faz cruzar no pensamento contemporâneo de pessoas tão diferentes como são, por exemplo, Antônio Gramsci, Garrandy, Enzo Paci ou, na linha da fenomenologia, Alfred Schütz, Merleau-Ponty, dentre outros.

Portanto, colocar a fenomenologia, para nós, não é colocá-la apenas sob um enfoque de uma reflexão que pudesse interessar só à psicologia ou à terapia ou então exclusivamente à área do indivíduo na sua visão individualista. A noção de subjetividade, de pessoa, na sua totalidade, não é sinônimo de individualismo.

Por isso, vou prosseguir, agora, mostrando por que razão a fenomenologia, a partir de Edmund Husserl, recoloca, para o pensamento contemporâneo, no início do século, na Alemanha — e vem se desenvolvendo na história do movimento fenomenológico — uma influência considerável no pensamento filosófico científico, notadamente nas Ciências Humanas e Sociais, e querem se distanciar desse modelo naturalista aplicado às Ciências Sociais, para encontrar um verdadeiro modelo que pudesse servir para as Ciências Humanas e Sociais, que seria aquele que colocava a subjetividade como tal, ou seja, na sua essência, na sua dimensão, de uma ciência do espírito, conforme pretendeu, por exemplo, Dilthey, antes de Husserl.

A contribuição da fenomenologia se fez sentir em Husserl na busca da fundamentação do conhecimento e na afirmativa de que este pressupõe a experiência do mundo vivido, que necessita ser tematizada.

Portanto, todo conhecimento, até mesmo o científico, tem por base uma experiência vivida que o antecede. E é a tematização dessa vida pré-reflexiva, já vivida, que vai se constituir num momento segundo de busca, de reflexão, para a Ciência ou para a própria filosofia.

A primeira tentativa sistemática de exposição dos problemas e método fenomenológico vamos encontrar na obra de Husserl *Idéias e Diretrizes para uma Fenomenologia e uma Filosofia Fenomenológica Pura*.

E daí que vamos destacar algumas idéias iniciais. Primeiro: a fenomenologia visa mostrar e descrever, com rigor, negando-se, pois — como na tradição racionalista —, a ser demonstrativa ou reconstrutivista dos fenômenos. Visa a descrever os fenômenos tais como são vividos, tais como se mostram em si mesmo no mundo da vida.

A fenomenologia, portanto, mostra, explicita, aclara, desvela as estruturas em que a experiência se verifica, deixando transparecer, na descrição da experiência, as estruturas universais.

Portanto, ela não fica numa pura descrição, mas busca nessa descrição encontrar aquilo que seria o núcleo fundamental, essencial — que Husserl chama de *eidético* —, que possibilitaria dar a esse núcleo invariante um significado. E, pelo seu significado, ganhar o foro de universalidade.

Husserl diz ainda, nas suas obras iniciais, que pretendia estabelecer, com esse método, uma *ciência rigorosa* (expressão do próprio Husserl) distanciando-se da ciência positivista e empirista. Não seria, portanto, uma ciência exata, cujo modelo é a Física matemática. Seria uma ciência rigorosa.

Mais tarde, essa idéia de fazer da fenomenologia uma ciência rigorosa foi abandonada por Husserl. Ele não quer mais que a fenomenologia seja ciência, mas que ela continue sendo *rigorosa*.

Por quê? Porque na sua obra inacabada — *Crise da Ciência e da Humanidade Européia* —, Husserl discute que a crise da ciência — já numa dimensão mais crítica do seu próprio pensamento — e a crise de toda a humanidade européia consistiriam em descobrir que o sonho de uma ciência a serviço do homem teria acabado. E, com ele, o sonho de fazer da Filosofia uma ciência rigorosa teria acabado também. Ficaria, apenas, uma filosofia fenomenológica que, do ponto de vista teórico, teria um tipo de saber, mas não seria um saber científico.

Por que isto? Porque a ciência, toda ela, tinha perdido de vista — diz Husserl — aquilo que era a sua finalidade. Ou seja, ela deixou de estar a serviço do homem. Colocou-se como um fim em si mesma.

Ora, a fenomenologia não pode, portanto, ser esta ciência que perde de vista o homem, a quem ela deve servir, pois ela quer pensar e refletir sobre o homem. Portanto, tenho de abandonar não só o sonho de uma ciência positiva, mas uma fenomenologia com caráter de ciência.

E retoma, nessa última obra, a obra póstuma — porque ficou inacabada —, a questão do mundo da vida como sendo o fundamento de todo o conhecimento.

O tema do mundo da vida permaneceu, praticamente, em todos os trabalhos de Husserl, por mais áridos que sejam — e o são de fato —, de difícil leitura. E não seriam esses os textos que, efetivamente, serviriam para o Serviço Social, pois são obras mais voltadas para discussões da fundamentação da consciência, do ponto de vista da análise da lógica.

Mas nessa obra inacabada, de 1936, encontramos (página 128) uma observação de Husserl que endossa essa idéia, desde a primeira obra do início do século, de que a fenomenologia se volta para a compreensão daquilo que é vivido e não daquilo que é trabalhado como fato que vai ser considerado em termos quantitativos.

Diz ele nesta obra: “Quando Einstein faz certos estudos de Física, em laboratório, ele pressupõe um saber vivido, um saber pré-científico, como o seu conhecimento de que os homens realizam ações, que produzem cultura, ciência, técnica. De que criam, pelas suas ações, instituições que são a base e o sustentáculo de suas atividades científicas e de pesquisador.

Este pressuposto sócio-cultural, econômico e político, histórico e educacional, é o mundo da vida. É o fundamento e o sentido da vida que foram esquecidos pelas ciências físico-matemáticas, pelas ciências exatas e pela ciência da natureza, em geral.

O mundo da vida é expressão subjetiva e relativa, que não é só do indivíduo isolado, mas da subjetividade universal. Ou seja, de todo e qualquer sujeito na estrutura — digo eu, agora — “ôntico-ontológica de sua subjetividade”.

É preciso que a gente não confunda subjetividade com subjetivismo, nem relativo com relativismo.

A subjetividade diz respeito a essa estrutura de universalidade do sujeito, qualquer que ele seja. Subjetivismo seria a dimensão,

como todo sufixo "ismo" indica, um sentido um tanto pejorativo, de algo que diz respeito apenas a mim, na minha singularidade, na minha individualidade.

Da mesma maneira que relativo não é relativismo. Quando digo que a verdade para a fenomenologia é a busca de um conhecimento que quer ser universal, mas que se encontra relativo, o que estou dizendo é que ela se encontra sempre em situação, situação de relação. Ela é dada em perspectivas, numa aproximação crescente daquele objeto que ela vai, de uma certa maneira, querer compreender. Ela não é, portanto, absoluta. Ela é relativa.

Mas não digo que ela é um relativismo, porque, se fosse um relativismo, o que eu dissesse que era verdade, podia ser só para mim e não para o outro. Ela não poderia ter foro, portanto, de universalidade.

Então, não confundir subjetividade com subjetivismo, nem relativo com relativismo.

Esse mundo da vida é o domínio de evidências originárias, que são verdades, para nós, e que são passíveis de intercomunicação, e reconhecidas por todos nós em sua objetividade.

Husserl acrescenta essa expressão, que acabei de ler, na obra *A Crise da Ciência* (página 130).

O mundo da vida é, pois, o mundo do ser dos entes, que somos nós, que aí estão, que são presença nesse fluxo do tempo, no fluxo da história, e que se mostram, tais como são, tais como aí estão, para a consciência de todos nós.

Somos, portanto, o ser que aí está em situação, em face do mundo, dos outros, e que se coloca para a nossa ação de transformação histórico-social. Portanto, somos um ser, situado no mundo, mas que, nessa situação, busca, na sua ação, uma transformação histórico-social.

O mundo da vida, portanto, é o horizonte universal, que abarca a totalidade da vida, e que é o fundamento de significações intersubjetivas.

Segunda observação que podemos tirar daquela obra, de 1913, *Ideias e Diretrizes para uma Fenomenologia*, e que vão, de uma certa maneira, perdurar no pensamento de Husserl, até a última obra, de 1936, *A Crise da Ciência e da Humanidade Européia* — a questão da consciência.

A consciência, diz ele, é intencional. Ou seja, toda consciência é consciência de algo, voltada para algo. Este algo, para o qual a consciência se volta, é desprovido de sentido.

Ou seja, todo sentido é ato do sujeito. Todo sentido é uma atribuição que o sujeito faz para atribuir, doar sentido a algo. O sentido é, portanto, um ato de atribuição realizado pelo sujeito.

A consciência só pratica esse ato de atribuição de sentido porque a coisa, nela mesma, desprovida de sentido, no entanto aí está posta, se mostrando para nós.

É essa presença da coisa nela mesma que Husserl denomina de fenômeno. Ou seja, o que aparece, que aí está, no seu ser, se mostra para nós como tal, ou seja, se faz fenômeno para nós.

Por isto, essa nossa relação com a coisa nela mesma, nessa inclinação intencional da consciência para a coisa que aí está, nos dá uma relação imediata, direta, com a coisa nela mesma.

É essa relação direta, imediata, que Husserl chama de intuição. Portanto, intuição é um ato da consciência, é um ato universal de todo e qualquer sujeito. Intuição não é, como se diz pejorativamente, privilégio da mulher que não raciocina. Como se o homem, por raciocinar, não pudesse ter intuição.

A intuição é uma modalidade de conhecimento e é, portanto, passível de ser do homem ou da mulher, se nós quisermos fazer essa distinção, do ponto de vista da sexualidade.

Acredito que a sexualidade não tem nada a ver com inteligência. Não é mais inteligente porque tem mais poder sexual ou menor poder sexual. A inteligência é um ato de universalidade do homem, que se pratica em diversas modalidades, das quais a intuição é uma delas.

A intuição, do ponto de vista filosófico, nos coloca ante esta presença originária da coisa nela mesma. A intuição na qual se dá, originariamente, algo, é fonte autêntica e legítima de conhecimento.

Tudo o que se mostra à intuição, em sua realidade própria e pessoal, deve ser por nós tomado tal como se dá em sua plena presença, nos limites ou na situação em que ele nos é dado. Daí o lema de Husserl: voltar as coisas nelas mesmas, tais como elas se mostram em sua presença.

Essa descrição minuciosa da consciência intimamente voltada para as coisas, numa relação indissociável, constitui, na primeira etapa do método fenomenológico, o que Husserl chama de descrição.

Essa descrição dos objetos aí postos para a consciência, das coisas que estão aí nelas mesmas, vai ser objeto de descrição pela consciência, buscando, nessa descrição, encontrar aquilo que lhe é fundamental, que lhe é essencial e que será significado pelo sujeito.

Há tantas classes de objeto quantos são os atos específicos da consciência. Husserl diz que esses atos que se voltam para a consciência nos dão classes de objetos, tipos de objetos. E esses objetos podem ser reais, possíveis, impossíveis, absurdos, imaginário etc. Os objetos são tudo aquilo que aí está colocado para a consciência.

A crítica de Husserl é a que se volta contra o empirismo e que se aplica ao estudo do homem, como fazem as Ciências Naturais.

As Ciências Humanas e as Ciências Sociais, neste ponto de vista da fenomenologia, vão ser objeto central de discussão, tendo como núcleo inicial, para Husserl, a compreensão do que é a estrutura da consciência, do que seria a consciência nela mesma, não redutível à dimensão puramente empirista, materialista, da análise da consciência.

Os autores que vão comentar essa fenomenologia, que vão desenvolver a fenomenologia, a partir de Husserl, vão desenvolvê-la, na verdade, em três direções. E queria, para não me alongar muito, apontar rapidamente essas três direções.

A primeira, que é nessa linha do Husserl e na Alemanha, de tipo intuitivo, denominado intuitivo transcendental, ou seja, porque coloca a questão da intuição não numa dimensão puramente empirista do contato imediato, mas numa dimensão que busca alcançar aquilo que é para a consciência o essencial dessa coisa que aí está, que busca a justificativa do sentido do mundo, da vida e do homem. Esse tipo intuitivo transcendental, vai ser desenvolvido no campo da estética, no campo da ontologia, da história das ciências, da análise das formas literárias, da ética, da filosofia social e tem como autores principais M. Geiger (estética), Edith Stein (ontologia), Alexandre Koyré (história das ciências), Roman Ingarden (literatura), Max Scheler (ética), Alfred Schutz (ciências sociais), Karol Woytilla (ação participativa). A fenomenologia existencial se aplica no campo da Psicopatologia, com Karl L. Jaspers, ou no campo das próprias Ciências Naturais, por

intermédio de um polonês chamado Jean Patocka. A de tipo existencial hermenêutico, cujo autor mais representativo é Heidegger.

Fora da Alemanha, da Áustria, da Polônia, da França ou dos Estados Unidos, podemos chegar ao desenvolvimento da fenomenologia na América Latina, no Brasil, na Itália, e, dentre outros autores, Sartre — que já foi aqui comentado pelo Trogo, Merleau-Ponty, Le-Vinas, Paul Ricoeur, M. Dufrenne, A. de Waelhens e tantos outros.

Gostaria de chamar a atenção para uma linha que foi desenvolvida na Itália e sob influência, em parte, de Sartre, com Enzo Paci, em que, junto à Escola de Milão, uma série de pesquisas de aproximação da fenomenologia com o marxismo e com a psicanálise foram feitas, e foram objeto de publicação — e são até hoje publicados — na revista *Aut Aut*.

Todos esses autores se reconhecem influenciados pelos trabalhos de Kosik e de Luckács. E essa vertente de uma fenomenologia dialética, aproximando-se do marxismo, vem hoje sendo também desenvolvida pela escola de Londres, do qual cito aqui um autor, que tem o livro traduzido em português, que é os Baar. Nos Estados Unidos, os principais nomes são: M. Farber, Dorion Cairns, H. Spiegelberg, A. Gurwitsch, Anna Arendt etc.

A perspectiva, no entanto, de uma fenomenologia social, vai, na verdade, ser primeiramente trabalhada por um autor que era, na sua origem, formado em Sociologia, e era weberiano, e que faz filosofia: Alfred Schultz.

Essa fenomenologia social de Alfred Schultz é pouco conhecida aqui no Brasil. No entanto, vem sendo trabalhada pelas pessoas que querem aplicar a fenomenologia, não do ponto de vista puramente reflexivo-filosófico, mas a fenomenologia na sua dimensão metodológica, que se aproximaria da etnografia ou da etnometodologia contemporâneas, que são tipos de pesquisa que se desenvolvem através da êgide ou da orientação que quer compreender o vivido tal como ele é vivido.

Alguns autores fizeram, portanto, a incursão de estudos de Alfred Schultz no campo das Ciências Sociais, buscando um referencial teórico e metodológico, para a compreensão do vivido social.

Nos Estados Unidos, isso vem sendo desenvolvido há mais longo tempo, pela influência do próprio Schultz e de Gurwitsch, que imigra-

ram para lá por ocasião da guerra. Em contato com a Sociologia americana e pelas conferências que ministraram em diversas universidades, houve todo um desenvolvimento disso que se chamou a etnometodologia, vinculada à fenomenologia, na pesquisa do vivido social.

E há até certos programas de aplicação nessa linha da etnometodologia, que visam dar uma orientação política, para se saber como é possível, em plano macrosocial, orientar-se para as ações sociais, em termos daquilo que seria vivido pelas populações carentes, pelas dificuldades sociais num dado país etc.

Nós temos consciência de que o primeiro trabalho pioneiro que se tentou fazer no Brasil, nesse campo, na aplicação da fenomenologia social num campo macrosocial, foi o trabalho do prof. Parganina, que por uns tempos foi professor na PUC do Rio de Janeiro. Trabalhando no IBGE, fez uma pesquisa, por volta de 70, aplicando a fenomenologia de Schultz, para a investigação de fenômenos macrosociais em torno do tema alimentação e educação.

O fio condutor da perspectiva dessa pesquisa, baseado no Schultz, é que o que importa na investigação é o ator social, o sujeito social que, em situação, vive a sua situação e a sua ação não como um dado para minha investigação, mas que é por ele vivida numa certa perspectiva e com um certo significado.

Por exemplo, se quero saber como a população se vê, ela mesma, como população nutrida, não adianta ir para a pesquisa com um referencial teórico de definição do que é alimentação e nutrição para aplicar e verificar, em termos percentuais, se eles estão ingerindo aquelas calorias necessárias, definidas pelos organismos internacionais de saúde, para dizer o que é uma população bem nutrida. O que importa é entender como a população se diz, se vê em situação de estar ela vivendo esse fenômeno-nutrição.

A pesquisa que ele fez mostrava de modo resumido — que, em situação existencial, da ação social, das pessoas socialmente vividas em determinadas situações, dizia que para elas estarem bem nutridas é estarem com saúde para trabalhar; e não estarem hospitalizadas; e terem trabalho etc.

Ou seja, isso não tem nada a ver diretamente com alimentação, com nutrição, vocês vão dizer. No entanto, é desta maneira que as pessoas se vêem na sua situação existencial de vida como estando ou não bem nutridas: ter o que comer pelo menos uma vez por dia, ter

como comer pelo menos um pouco de feijão e um pouco de arroz — naquela época, de 70 (hoje até o feijão está caro!).

Através de toda uma metodologia aplicada a essa constituição, a essa elaboração de categorias vividas, que foram agrupadas e analisadas no seu significado, detectou-se, pela primeira vez, como se poderia fazer uma investigação de natureza social, do ponto de vista macrosocial, que é uma análise dita qualitativa da pesquisa social, onde se constatou, efetivamente, como a população se via em situação de alimentação e de educação.

E foi quando surgiram os primeiros discursos — que foram criticados, evidentemente, nessa época de 70 —, em que o Brasil ia muito bem, sim, do ponto de vista econômico, mas havia bolsões de miséria absoluta. Essa expressão começa a surgir nos jornais na década de 70 — a miséria absoluta, fruto do resultado dessa pesquisa, que detectou esses bolsões de miséria absoluta que, naquela ocasião, giravam em torno de 10% da população brasileira. Sabemos hoje que esse índice é muito maior.

Essa pesquisa foi considerada, nessa época, não científica, foi considerada como uma pesquisa sem valor. E, diga-se de passagem, esse professor tinha trabalhado até em pesquisa com grupos vinculados à política de planejamento americano, quando preparava a sua pós-graduação, em grupos que trabalhavam para a assessoria de Carter, naquela época.

Estou ilustrando isso porque há às vezes, uma certa incompreensão da fenomenologia, por achar que ela se volta apenas para uma dimensão puramente individualista, confundindo-se subjetividade com indivíduo e com individualismo, chamado a análise da subjetividade, desde o face a face — como o exemplo do olhar, aqui apresentado por S. Trogo, até o olhar social, que é um face a face coletivo, no plano macrosocial, confundindo-se isso como sendo um resquício ou uma volta a uma dimensão ultrapassada, do ponto de vista teórico.

A fenomenologia se difundiu, em termos gerais, aplicando-se do ponto de vista metodológico, para diversos campos. A influência da fenomenologia no Serviço Social iniciou-se em programas de pós-graduação, tanto na PUC do Rio de Janeiro quanto na PUC de Porto Alegre e, provavelmente, de outros lugares de que não tenho conhecimento. Dentre alguns nomes, podemos citar os de Ana Augusta de Almeida, Ilda Lopes, Myriam Baptista Veras como pioneiros.

No texto que mandei para vocês eu cito até alguns professores, alguns trabalhos que foram publicados na linha da fenomenologia. E há muitos outros, que são trabalhos de fenomenologia em Serviço Social, que não foram ainda objeto de publicação, e recomendaria vivamente a publicação desses trabalhos.¹

Essa abordagem fenomenológica, através de um pequeno levantamento que se pode fazer desses trabalhos, dessas pesquisas de pós-graduação, permitirá ver que a fenomenologia e o Serviço Social estão sendo usados para investigações no campo da saúde, da supervisão, da entrevista, da orientação junto às populações carentes; no campo do menor, da velhice, da organização e participação políticas, da ação produtiva em cooperativas.

Há ainda uma observação que gostaria de fazer, para terminar. A fenomenologia é, muitas vezes, dita como servindo para essa dimensão descritiva e compreensiva, mas que não poderia servir para uma análise que se voltasse mais para a dimensão política.

Aí nós teríamos de dizer que Husserl, de fato, não se preocupou com isso; Schultz, de fato, não se preocupou com isso. Mas outros autores se preocuparam. Há autores vinculados à fenomenologia que têm trabalhos e observações de cunho fenomenológico sobre a política, mas que não são esses.

Então temos, quando quisermos trabalhar um assunto, que saber fazer a escolha dos nossos autores, sermos coerentes com aquelas escolhas.

1. Diversas dissertações de mestrado sobre a Fenomenologia e o Serviço Social foram apresentadas e algumas foram já publicadas como por exemplo, a de Ana Maria Braz Pavao intitulada *Participação e Diálogo*; Beatriz Venâncio — *Uma experiência em cena: diálogo entre Serviço Social e teatro*; Nelly di Franco Hall — *Diálogo para Mudar* — *Novos rumos para o desenvolvimento profissional através da supervisão* etc. Ou ainda a obra de Anésia de Souza de Carvalho *Metodologia da entrevista. Uma abordagem fenomenológica*. A fenomenologia e o Serviço Social desenvolveram-se ainda em outros programas de pós-graduação como na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na PUC de São Paulo, na PUC de Porto Alegre, na Universidade Federal de Florianópolis, na Universidade Federal de Belém. Trabalhos de fenomenologia e o Serviço Social na saúde na supervisão, na entrevista, na orientação, junto às populações carentes, do menor, da velhice, de organização e participação política, de ação produtiva em cooperativas são alguns exemplos de estudos, pesquisas e ações orientadas sob o enfoque fenomenológico já realizados pelos assistentes sociais no Brasil.

Quem trabalhou com a fenomenologia política? Só para citar alguns exemplos, uma obra publicada, nos Estados Unidos, pela Reineri Editora, de Chicago, *Fenomenologia Existencial e Teoria Política*, que mostra os textos de Merleau-Ponty, Hicckel e dois americanos — Puidl e Mark Breaute —, onde tratam da fenomenologia do ponto de vista político.

Mais recentemente, em 1988, saiu um trabalho publicado pela editora da Universidade de Princeton, em Nova Jersey, um trabalho sobre Merleau-Ponty, intitulado *O Trabalho como Fundamentação de uma Política Existencial*.

Então, o fenômeno político, por esses autores, é visto como devendo ser abordado não como um fato, mas como um fenômeno, do ponto de vista do seu significado e da sua compreensão.

Aí, o que vale para eles é a investigação sobre a noção da cidadania e participação. Nessa abordagem de cidadania e participação, o que importa é uma fenomenologia da ação, uma fenomenologia da práxis.

Portanto, se quisermos ver como a fenomenologia pode servir ao Serviço Social, eu diria que, primeiro, pelo menos, deveríamos conhecer alguma coisa das bases da sua origem histórica, que é, realmente, com Husserl em relação ao método.

Mas, dependendo do que queremos estudar, do que queremos analisar, vamos ter de fazer a opção por um autor que possa nos ajudar a utilizar esse método em relação àquele tema. Schultz pode servir, como Merleau-Ponty, como Hicckel, como Sartre, desde que saibamos trazer a contribuição desses autores para o campo próprio do Serviço Social.

E aí eu diria que esse trabalho tem de ser feito pelos assistentes sociais. Quer dizer, a investigação do Serviço Social do ponto de vista da fenomenologia tem de ser feita pelos assistentes sociais. É claro que o filósofo pode colaborar, pode ser co-orientador. Pode orientar trabalhos de pesquisa visando discussões teóricas do Serviço Social em relação à fenomenologia.

Bibliografia básica

- AUGRAS, Monique. *O Ser da Compreensão. Fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*. Rio de Janeiro. Ed. Vozes.
- CADERNOS CBCISS. *Metodologia das Ciências Sociais. A fenomenologia de Alfred Schütz*. Rio de Janeiro. Antares.
- CAPALBO, Creusa. *Fenomenologia e Ciências Humanas*. Rio de Janeiro. Ed. Âmbito Cultural.
- CARVALHO, Anésia de Souza. *Metodologia da entrevista. Uma abordagem fenomenológica*. Rio de Janeiro. Ed. Agir.
- CASTRO, Graziela B. *Relação de ajuda e Serviço Social*. São Paulo, Cortez.
- CRITTELLI, Dulce M. (Tradutora). *Todos nós, ninguém, um enfoque fenomenológico do social*. São Paulo. Ed. Moraes.
- DARTIGUES, A. *O que é a fenomenologia?* Rio de Janeiro. Ed. Eldorado.
- DOCUMENTOS DE ARAXÁ, TEREZÓPOLIS E SUMARÉ. Rio de Janeiro. Ed. Agir.
- GILES, R. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo. EPU-EDUSP.
- KEEN, Ernest. *Introdução à psicologia fenomenológica*. Rio de Janeiro. Ed. Interamericana.
- KELLEL, A.L. & SCHERER, R. *Husserl*. São Paulo. Ed. 70.
- LUIJPEN, W. *Introdução à fenomenologia existencial*. São Paulo. Ed. 70.
- MARTINS, Joel. *Temas Fundamentais da Fenomenologia*. São Paulo. Ed. Moraes.
- _____ & Outros. *Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo. Ed. Moraes.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Rio de Janeiro. Freitas Bastos.
- PACCI, E. *Función y significado del hombre*. Buenos Aires. Paidós.
- PAVÃO, Ana Maria Braz. *O princípio de autodeterminação em Serviço Social*. *Visão Fenomenológica*. São Paulo. Ed. Cortez.
- SCHUTZ, Alfred. *Coletânea de Textos*. Rio de Janeiro. Ed. Zahar.
- SMART, Barry. *Sociologia. Fenomenologia e Análise Marxista*. Rio de Janeiro. Ed. Zahar.
- _____ *Fenomenologia del mundo social*. Buenos Aires, Amortrotu.
- VENÂNCIO, Beatriz. *Uma experiência em cena: diálogo entre Serviço Social e Teatro*. Rio de Janeiro. Ed. Dois Pontos.
- XIRAU, Ioáquim. *La filosofía de Husserl*. Buenos Aires. Ed. Troquel.
- WOYTILA, Karol. *Persona y acción*. Madrid. B.A.C.

Perspectivas do funcionalismo e seus desdobramentos no Serviço Social

José Lucena Dantas*

Inicialmente, queremos agradecer a atenção dos colegas da ABESS pela oportunidade de aqui comparecer. Resistimos muito à aceitação desse convite, pois, como o nosso próprio currículo está a mostrar, nesses últimos dez anos entramos num desvio que nos afastou do cotidiano do Serviço Social no Brasil, por várias razões de itinerário pessoal.

Isto levou a que o conjunto de informações e de conhecimentos de que dispomos tivesse ficado limitado, no tempo, à década de 70 e até os primeiros anos de 80. Mas, entendeu a Consuelo Quiroga que, mesmo com essa limitação, era oportuno que trouxéssemos a esse Seminário a abordagem do problema do funcionalismo no Serviço Social.

Queremos dizer que aqui vimos com muita humildade, movidos mais pelo desejo de nos atualizar com vocês, recuperar toda uma década de informações e trazer alguns questionamentos básicos sobre o enfoque funcionalista, na perspectiva de quem o viveu na teoria e na prática.

Sentimo-nos um pouco na posição do astronauta da nave que está reingressando na atmosfera da Terra. Esperamos que o impacto

* O autor é A.S. graduado pela Escola de Serviço Social da PUC/RJ (1960), com Especialização em nível pós-graduado em Planejamento Econômico-Social pela UnB (1967) e graduação em Direito pela AEUDEF (1979). Dentre as várias funções de assessoramento e direção exercidas no campo de serviço social, destaca-se a de Diretor Executivo da Fundação do Serviço Social do Governo do Distrito Federal, no período de 1970/1974.

